

A ORDEM NEGRA

JAMES ROLLINS

A ORDEM NEGRA

Um romance da série Força Sigma

Tradução de
RUI VIANA PEREIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2017

*Para o David,
por todas as aventuras*

AGRADECIMENTOS

Escrever um romance, apesar de todo o tempo gasto solitariamente em frente da página em branco, é um processo de cooperação. Este livro está repleto das dedadas de um grande número de pessoas. Permitam-me começar por agradecer a Penny Hill os longos almoços, os comentários atentos, mas acima de tudo a amizade que me dispensou. O mesmo digo em relação a Carolyn McCray, que insiste em incitar-me a ir sempre um pouco mais além. Depois, claro está, é com todo o gosto que agradeço a um grupo de amigos que periodicamente se reúne no Coco's Restaurant: Steve e Judy Prey, Chris Crowe, Lee Garrett, Michael Gallowglas, Dave Murray, Dennis Grayson, Dave Meek, Jane O'Riva, Dan Needles, Zach Watkins e Caroline Williams. São eles a cabala por detrás deste escritor. E uma saudação especial ao autor Joe Konrath pela sua energia, apoio e amável debate sobre alguns dos tópicos deste livro, e a David Sylvian pela sua câmara de vídeo omnipresente, mesmo no pico mais alto das Sierras. Quanto à inspiração que sustenta esta história, o mérito é todo dos livros de Nick Cook e da intrigante pesquisa de Johnjoe McFadden. Por fim, as quatro pessoas nucleares a todos os níveis da produção: a minha editora, Lyssa Keusch, a sua colega, May Chen, e os meus agentes, Russ Galen e Danny Baror. Como sempre, faço questão de assumir a responsabilidade por todo e qualquer erro de exatidão ou pormenor.

NOTA DO ARQUIVO HISTÓRICO

Nos derradeiros meses da Segunda Guerra Mundial, ao mesmo tempo que a Alemanha era derrotada, uma nova guerra se iniciava entre os Aliados: o saque à tecnologia dos cientistas nazis. Britânicos, americanos, franceses e russos disputaram-se nessa corrida. Roubaram-se patentes: de novos tubos catódicos, de plásticos e substâncias químicas exóticas, e até de pasteurização do leite por meio de raios ultravioleta. Mas muitas das patentes mais interessantes desapareceram nos porões de projetos obscuros, como foi o caso da Operação Paper Clip, na qual centenas de cientistas nazis ligados ao desenvolvimento do míssil V-2 foram recrutados em segredo e levados para os Estados Unidos.

Mas os alemães não cederam facilmente as suas tecnologias. Também lutaram por manter os seus segredos, na esperança de um renascimento do Reich. Houve cientistas assassinados, laboratórios de pesquisa destruídos e planos esquemáticos escondidos em cavernas, atirados para o fundo de lagos ou enterrados em criptas. Tudo para os salvar guardar dos Aliados.

A busca tornou-se frustrante. Os laboratórios nazis de pesquisa e invenção de armas eram às centenas, muitos deles subterrâneos, espalhados pela Alemanha, Áustria, Checoslováquia e Polónia. Um dos mais misteriosos era uma mina reconvertida, situada às portas de Breslau, uma pequena cidade de montanha. A pesquisa levada a cabo nessas instalações tinha o nome de código «die Glocke», ou seja, «o Sino». A população das cercanias forneceu relatos de luzes estranhas e misteriosas doenças e mortes.

As forças russas foram as primeiras a chegar à mina. Estava deserta. Os sessenta e dois cientistas envolvidos no projeto tinham sido todos mortos a tiro. Quanto ao dispositivo propriamente dito... tinha desaparecido, sabe Deus para onde.

A única coisa que se sabe ao certo é que o Sino existiu de facto.

NOTA DO ARQUIVO CIENTÍFICO

A vida é ainda mais estranha do que toda a ficção. Todas as discussões levantadas neste romance acerca de mecânica quântica, inteligência artificial e evolução são baseadas em factos.



O facto de a evolução ser a espinha dorsal da biologia, colocando assim a biologia na peculiar situação de ciência fundamentada numa teoria avançada... trata-se então de ciência ou fé?

— CHARLES DARWIN

A ciência sem fé é coxa, a religião sem ciência é cega.

— ALBERT EINSTEIN

Quem disse que não estou sob a proteção especial de Deus?

— ADOLF HITLER

1945

4 de maio, 06h22

Cidade fortificada de Breslau, Polónia

O corpo flutuava no lodo imundo que jorrava dos esgotos. Um cadáver de rapaz, intumescido e roído dos ratos, despojado de botas, calças e camisa. Nada era entregue ao desperdício na cidade cercada.

Atrás do cadáver vinha o SS *Obergruppenführer* Jakob Sporrenberg, afastando a porcaria à sua volta. Vísceras e excrementos. Sangue e bÍlis. O lenço molhado atado à volta do nariz e da boca pouco valia contra o fedor. Ao que chegara a grande guerra, com os poderosos obrigados a rastejar pelos esgotos para conseguirem fugir. Mas ele tinha ordens a cumprir.

Entretanto, lá no alto, a ribombante artilharia russa ia arrasando a cidade. A cada explosão, a onda de choque percutia-se-lhe nas entranhas. Os russos tinham rompido as portas da cidade, bombardeado o aeroporto e, naquele preciso momento, os tanques martelavam as ruas calcetadas enquanto o transporte aéreo de material aterrava na Kaiserstrasse. A avenida principal tornara-se uma pista de aterragem, com fileiras paralelas de barris de petróleo a arder, juntando mais fumarada no céu matutino já de si sufocante, encurralando a aurora. A luta travava-se rua a rua, casa a casa, dos sótãos às caves.

«Que cada casa seja uma fortaleza.»

Fora essa a derradeira ordem do *Gauleiter* Hanke à população. A cidade tinha de resistir tanto tempo quanto possível. O futuro do Terceiro Reich dependia disso.

E de Jakob Sporrenberg.

— *Mach schnell* — urgiu ele aos outros.

Atrás dele seguia o seu pelotão do *Sicherheitsdienst* — com a designação de Comando Especial de Evacuação —, mergulhado até aos joelhos na água imunda. Catorze homens. Todos armados. Todos vestidos de negro. Todos carregados com pesadas mochilas. A meio, quatro dos homens mais fortes, antigos estivadores do *Nordsee*, levavam aos ombros postes de madeira que suportavam o peso de enormes caixotes.

Os russos tinham um bom motivo para atacar esta cidade solitariamente encravada nos montes Sudetas, entre a Alemanha e a Polónia. As fortalezas de Breslau eram as guardiãs da passagem para as montanhas situadas mais além. Nos dois anos anteriores, a mão de obra de trabalhos forçados do campo de concentração de Gross-Rosen tinha perfurado o monte vizinho. Uma centena de quilómetros de túneis escavados e abertos à força de explosivos, tudo em benefício de um projeto secreto, profundamente oculto da vista dos Aliados.

Die Riese... o Gigante.

Mas o boato já se espalhara. Talvez um dos aldeões dos arredores da mina de Wenceslas tivesse feito algum comentário discreto acerca das doenças, do súbito mal-estar que afligia inclusivamente as populações mais afastadas das instalações.

Se dispusessem de mais algum tempo para concluir a investigação...

No entanto, Jakob Sporrenberg punha algumas objeções. Não conhecia pormenores acerca do projeto secreto, pouco mais do que o nome de código: Chronos. Mesmo assim, sabia o suficiente. Tinha visto os cadáveres utilizados nas experiências. Tinha ouvido os gritos.

«Abominável.»

Fora a única palavra que então lhe ocorrera, gelando-lhe o sangue.

Não tivera qualquer problema em executar os cientistas. Os sessenta e dois homens e mulheres tinham sido levados para o exterior e baleados duas vezes na cabeça. Ninguém podia saber o que se tinha

passado na mina de Wenceslas... nem o que fora descoberto. Apenas uma investigadora foi autorizada a sobreviver.

Doktor Tola Hirszfeld.

Jakob ouvia-a patinhar atrás de si, meio arrastada por um dos soldados, de mãos atadas atrás das costas. Para mulher, era bastante alta, perto de trinta anos, peito pequeno mas cintura larga e pernas torneadas. O cabelo era fino e negro, a pele, alva como leite após tantos meses passados debaixo do chão. Estava destinada à morte juntamente com os demais, mas o pai, o *Oberarbeitsleiter* Hugo Hirszfeld, supervisor do projeto, tinha finalmente revelado a sua ascendência corrupta, a sua herança semijudia. Tentara destruir os ficheiros da investigação, mas fora morto a tiro por um dos guardas antes de conseguir acionar uma bomba incendiária no seu gabinete subterrâneo. Felizmente para a filha, alguém com conhecimento pleno sobre *die Glocke* tinha de sobreviver, para dar continuidade ao trabalho. Sendo um génio à semelhança do pai, ela conhecia aquela pesquisa melhor do que qualquer outro cientista.

Mas a partir dali teria de ser persuadida.

Os seus olhos chispavam sempre que ele olhava na sua direção. Jakob sentia-lhe o ódio como se sente o bafo escaldante ao abrir a porta de uma fornalha. Mas ela havia de cooperar... tal como o pai tinha cooperado. Jakob sabia como lidar com *Juden*, especialmente os mestiços. *Mischlinge*. Eram os piores. Parcialmente judeus. Havia cerca de cem mil *Mischlinge* no serviço militar do Reich. Soldados judeus. Algumas exceções na lei nazi tinham permitido que estes mestiços servissem no exército, poupando-lhes a vida. Era necessária uma dispensa especial. E, muitas vezes, esses *Mischlinge* eram os soldados mais aguerridos, desejosos de demonstrarem lealdade ao Reich em detrimento da sua raça.

Apesar disso, Jakob nunca confiara neles. O caso do pai de Tola comprovava as suas suspeitas. A tentativa de sabotagem ensaiada pelo cientista não o surpreendera. Os *Juden* não eram de confiar, mas sim de exterminar.

Porém, o documento que garantia imunidade a Hugo Hirszfeld tinha sido assinado pelo próprio Führer, poupando não só pai e filha, mas

também um par de parentes mais idosos algures no meio da Alemanha. Sendo certo que Jakob não confiava em *Mischlinge*, a fé que depositava no seu Führer era absoluta. As ordens eram textualmente claras: evacuar da mina todos os recursos necessários à continuação do projeto e destruir os restantes.

Isso significava poupar a filha.

E o bebé.

O recém-nascido, um menino judeu com pouco mais de um mês de idade, fora enfaixado e enfiado numa mochila. Tinham-lhe dado um sedativo ligeiro para o manter em silêncio durante a fuga.

Aquela criança representava para Jakob o cúmulo da abominação, a verdadeira causa da sua repulsa. Todas as esperanças do Terceiro Reich estavam depositadas naquelas mãos minúsculas — as mãos de uma criança *judia*. Só de pensar nisso, sentiu um travo a bilis chegar-lhe à boca. Se pudesse, tê-la-ia empalado numa baioneta. Mas ordens eram ordens.

Também reparou na maneira como Tola olhava para a criança. Os olhos brilhavam-lhe com um misto de ardor e desgosto. Além de ajudar na investigação do pai, ela fizera de mãe adotiva do menino, dando-lhe de comer, embalando-o para o adormecer. O bebé era o único motivo pelo qual continuava a cooperar. Fora necessário ameaçar a vida da criança para que finalmente Tola cedesse às ordens de Jakob.

Um morteiro rebentou por cima deles, fazendo-os cair de joelhos e reduzindo tudo a um intenso zumbido. O cimento rachou e lançou poeira na água imunda.

Jakob pôs-se de pé, praguejando entredentes.

O seu lugar-tenente, o oficial Oskar Henricks, aproximou-se e apontou para um ramal do esgoto mais adiante.

— Vamos pelo túnel, *Obergruppenführer*. É um antigo escoadouro da água das chuvas. Segundo o mapa municipal, o canal principal vai dar ao rio, não muito longe da ilha da Catedral.

Jakob concordou com um aceno de cabeça. Escondidos perto da ilha, deviam estar à espera duas lanchas camufladas, a cargo de outro pelotão de comandos. Já faltava pouco.

Seguiu à frente, acelerando o passo, enquanto pelos ares os bombardeamentos russos se intensificavam. O ataque reforçado anunciava

claramente o assalto final à cidade. A rendição dos cidadãos era inevitável.

Alcançando o túnel da ramificação, Jakob saiu do fluxo nojento e trepou para o parapeito de cimento entre os dois escoadouros. As botas chapinhavam a cada passo. O fedor putrefacto a dejetos e lodo piorou momentaneamente, como se o esgoto quisesse persegui-lo desde as profundezas.

O resto do pelotão seguia atrás.

Jakob fez incidir a luz da lanterna nas paredes de cimento. Seria sua impressão, ou o ar estava ligeiramente mais puro? Avançou com um vigor renovado. O fim da fuga estava próximo e o cumprimento da missão à vista. O seu pelotão encontrar-se-ia já a meio caminho, em plena Silésia, quando os russos conseguissem finalmente entrar no subterrâneo labiríntico que formava a mina de Wenceslas. À laia de boas-vindas, Jakob tinha plantado minas armadilhadas nos corredores que iam dar ao laboratório. Os russos e seus aliados apenas encontrariam a morte no âmago daquelas montanhas.

Com este pensamento reconfortante, Jakob correu em direção ao ar puro. O túnel de cimento descia num declive suave. Toda a equipa estugou o passo, instigada pelo súbito silêncio da artilharia pesada. Os russos vinham aí em força.

Mesmo à justa. O rio não permaneceria livre muito mais tempo.

Como se sentisse a urgência, a criança começou a chorar baixinho, uma lamúria débil à medida que o efeito do sedativo ia desaparecendo. Jakob tinha dito ao enfermeiro do pelotão que administrasse doses ligeiras. Não podiam arriscar-se a pôr em perigo a vida do bebé. Talvez tivesse sido um erro...

O tom do choro tornou-se mais estridente.

Algures, mais para norte, soou a explosão de um morteiro solitário.

Os vagidos tornaram-se gritos. O som ecoou pela garganta pétrea do túnel.

— Cala-me essa criança! — ordenou ele ao soldado que a transportava.

O homem, esguio e pálido como um junco, tirou a mochila por cima da cabeça, fazendo com que lhe caísse o gorro preto. Fez por soltar a criança, mas apenas conseguiu que a gritaria redobrasse.

— Deixe... deixe-me tentar — suplicou Tola, resistindo ao homem que a agarrava pelo cotovelo. — Ele precisa de mim.

O carregador da criança olhou de relance para Jakob. Lá em cima, o mundo ficara em completo silêncio. Ali em baixo, continuava o berreiro.

Jakob franziu o sobrolho, mas acenou afirmativamente.

Soltaram a corda que prendia os pulsos de Tola. Esfregando as mãos para reativar a circulação, ela pegou na criança. O soldado passou-lhe o fardo de bom grado. Ela aninhou o bebê na dobra do braço, amparando-lhe a cabeça e embalando-o suavemente. Sussurrou-lhe ao ouvido uma toada inarticulada e acariciante, tentando reconfortá-lo. Todo o seu ser se fundiu ao redor dele.

Pouco a pouco, os gritos tornaram-se num choro menos ruidoso.

Dando-se por satisfeito, Jakob fez um sinal ao soldado que guardava Tola. O homem ergueu a sua *Luger* e manteve-a encostada às costas dela. Já em silêncio, prosseguiram a sua caminhada através do labirinto subterrâneo de Breslau.

Pouco adiante, o cheiro a fumo sobrepôs-se ao fedor dos esgotos. De lanterna em punho, Jakob iluminou a cortina de névoa que assinalava a saída do escoadouro pluvial. A artilharia permanecia em silêncio, mas o crepitar quase contínuo de armas de fogo não cessara — sobretudo, a leste. Mais próximo, ouvia-se o distinto marulhar das águas.

Com um gesto, ordenou ao pelotão que ficasse dentro do túnel e chamou o operador de rádio.

— Manda o sinal aos barcos.

O soldado aquiesceu secamente e apressou-se para a saída, desaparecendo na penumbra enfumarada. Em poucos instantes, enviou sinais de luz em código para a ilha, não muito distante. No minuto seguinte, os barcos atravessavam o canal.

Jakob virou-se para Tola, que continuava a segurar a criança. O menino aquietara-se e mantinha os olhos fechados.

Ela enfrentou o olhar de Jakob sem pestanejar.

— Sabe perfeitamente que o meu pai tinha razão — disse, com uma certeza tranquila. Olhou para os caixotes selados e de novo para ele. — Eu bem vejo na sua cara. O que fizemos... fomos longe de mais.

— Não somos nós que devemos tomar essas decisões — respondeu Jakob.

— Então, quem as toma?

Ele abanou a cabeça e começou a virar-lhe as costas. Heinrich Himmler dera-lhe as ordens pessoalmente. Não lhe cabia pô-las em questão. No entanto, continuava a sentir a atenção da mulher centrada em si.

— É um desafio a Deus e à natureza — sussurrou ela.

Um chamamento veio salvá-lo da réplica.

— Vêm aí os barcos — anunciou o operador de rádio, regressando da abertura do escoadouro.

Jakob emitiu laconicamente as ordens finais e colocou os homens em posição. Levou-os até ao extremo do túnel, que desembocava num barranco da margem do rio Oder. Estavam prestes a perder a cobertura da escuridão. O sol nascente já brilhava a leste, mas ali uma nuvem contínua de fumo negro mantinha-se suspensa sobre a superfície da água, adensada pela corrente do rio, protegendo-os.

Mas por mais quanto tempo?

O tiroteio continuava, esparso e irregular, com petardos a celebrar a tomada de Breslau.

Já a salvo do fedor do esgoto, Jakob retirou a máscara molhada e respirou fundo. Inspeccionou as águas plúmbicas. Um par de lanchas com seis metros de comprimento rasgou a superfície do rio, com os motores a ronronarem a ritmo constante. À proa, cada uma delas trazia montada uma metralhadora *MG-42*, mal disfarçada debaixo das redes de camuflagem.

Para além dos barcos, o vulto denso da ilha mal se via. A ilha da Catedral não era exatamente uma ilha, pois os sedimentos acumulados ao longo do século XIX tinham-na fundido com a margem oposta. Uma ponte de ferro forjado, datada do mesmo século e pintada de verde-esmeralda, ligava-a à margem de cá. Debaixo da ponte, as duas lanchas ladearam os pilares de pedra e aproximaram-se.

O olhar de Jakob foi atraído para os céus quando um raio de sol trespassou a bruma e foi bater no topo das duas torres da catedral que dava nome à antiga ilha. Era apenas uma entre a meia dúzia de igrejas que se amontoavam naquela pequena língua de terra.

As palavras de Tola Hirszfeld ainda lhe ressoavam nos ouvidos.
«É um desafio a Deus e à natureza.»

O frio matutino trespassava-lhe a roupa ensopada, deixando-lhe a pele eriçada e fria. Só se daria por satisfeito quando se visse bem longe dali, capaz de calar todas as recordações daqueles últimos dias.

O primeiro barco alcançou a margem. Feliz pela distração, e mais contente ainda pela movimentação, incitou os soldados a embarcarem.

Tola manteve-se afastada, com o bebé ao colo, flanqueada pelo mesmo guarda. Também ela tinha visto as torres brilharem no céu enfumado. O tiroteio continuava, cada vez mais perto. Ouviam-se já os tanques que avançavam a baixa velocidade, triturando o pavimento. Tudo isto pontuado por gritos e gemidos.

Onde andaria esse Deus que ela receava desafiar?

Ali, não, por certo.

Carregados os barcos, Jakob aproximou-se de Tola.

— Sobe para o barco.

Pretendera dizê-lo com aspereza, mas alguma coisa na expressão dela lhe suavizou o tom.

Tola obedeceu, sempre de olhos fitos na catedral e com o pensamento ainda mais nas alturas.

Nesse instante, Jakob deu-se conta da beleza que podia haver nela... apesar de ser *Mischlinge*. Mas então a ponta da bota ficou presa e ela tropeçou, voltando logo a equilibrar-se, sempre atenta à criança. Olhou de novo para a água escura do rio e para a cortina de fumo. O seu semblante voltou a endurecer, empedernindo. Até os olhos pareciam de pedra enquanto procurava onde sentar-se.

Acomodou-se num banco a estibordo, sempre com o guarda à perna.

Jakob sentou-se à sua frente e deu sinal de partida ao piloto.

— Não podemos atrasar-nos.

Observou com atenção o rio a jusante. Iam a aproados a oeste, longe da frente de combate oriental, de costas para o sol nascente.

Consultou o relógio. Por essa altura, um avião alemão de transporte, um *Junkers Ju 52*, já devia aguardar por eles num aeródromo abandonado, a dez quilómetros dali. Tinham-no pintado com a Cruz

Vermelha alemã, camuflando-o de transporte médico, mas também como medida de precaução contra possíveis ataques.

Com os motores a vibrar, os barcos descreveram uma curva larga para se lançarem no canal mais profundo do rio. Agora, os russos já não conseguiriam detê-los. Tinham conseguido.

Um movimento desviou-lhe a atenção para o extremo oposto da embarcação.

Tola debruçava-se sobre o bebé e depositava-lhe um beijo ao de leve na moleirinha de cabelo ralo. Ergueu o rosto, encarando Jakob. Não exprimia desafio nem raiva. Apenas determinação.

Jakob adivinhou o que ia acontecer.

— Não faças...

Demasiado tarde.

Soerguendo-se, Tola reclinou-se contra a amurada baixa da embarcação e fez força com os pés. Com a criança apertada contra o peito, lançou-se de costas à água fria.

O guarda, apanhado desprevenido pela rapidez da ação, virou-se e disparou às cegas para o rio.

Jakob lançou-se para ele e desviou-lhe a arma para o ar.

— Podes acertar na criança.

Debruçou-se na amurada e inspecionou a superfície da água. Os restantes homens tinham-se posto todos de pé. O barco balançava. A única coisa que Jakob conseguia ver nas águas densas era o seu próprio reflexo. Fez sinal ao piloto para que descrevesse um círculo.

Nada.

Pôs-se à espreita de bolhas de ar denunciadoras, mas a esteira pesada do barco turvava ainda mais o rio. Deu um murro na amurada.

Tal pai... tal filha...

Só uma *Mischlinge* seria capaz de um ato tão drástico. Já tinha assistido a outros semelhantes: mães *Jüdische* a sufocarem os seus próprios filhos para os pouparem a sofrimentos maiores. Julgara que Tola fosse superior a isso. Mas, afinal, talvez ela não tivesse melhor opção.

Circundou a área o tempo suficiente para ter a certeza. Os soldados passaram ambas as margens a pente fino. Ela tinha desaparecido. O silvo de um morteiro a passar por cima deles desencorajou maiores demoras.

Jakob fez sinal aos homens para que retomassem os seus lugares. Apontou para oeste, em direção ao avião que aguardava. Ainda possuíam os caixotes e a totalidade dos arquivos. Era um contratempo, mas podia ser contornado. Se já tinha havido uma criança, outra se arranjará.

— Vamos — ordenou.

As duas lanchas voltaram a zarpar, com os motores a toda a força.

Daí a pouco, já se tinham sumido na cortina de fumo, enquanto Breslau ardia.

Tola ouviu os barcos a desaparecerem ao longe.

Caminhava com água pela cintura por detrás de um dos grossos pilares de pedra que sustentavam a velha ponte de ferro forjado, a Ponte da Catedral. Mantinha uma das mãos sobre a boca do bebé, silenciando-o à força, rezando para que ele conseguisse inspirar suficiente ar pelo nariz. Mas a criança estava fraca.

Tal como ela.

A bala acertara-lhe de raspão no pescoço. O sangue corria copiosamente, tingindo a água de carmesim. Sentiu a visão estreitar-se-lhe. Mesmo assim, continuou a esforçar-se por manter o bebé acima da água.

Momentos antes, ao mergulhar no rio, tencionara afogar-se a ela e à criança. Mas quando o frio a atingiu, e depois o ardor da bala, qualquer coisa lhe vergou a determinação. Lembrou-se da luz nos campanários. Não era a sua religião, não pertencia à sua tradição. Mas era uma chamada de atenção para o facto de existir uma luz além da presente escuridão. Havia um lugar onde os homens não trucidavam os seus irmãos, onde as mães não afogavam os filhos.

Tinha batido os pés com força e mergulhado bem fundo no canal, permitindo que a corrente a empurrasse em direção à ponte. Debaixo de água, usou o seu próprio fôlego para manter a criança viva, apertando-lhe o nariz e exalando através dos seus lábios. Embora tivesse planeado a morte, uma vez acesa a luta pela vida, era como se um fogo alastrasse cada vez mais intensamente dentro do seu peito.

O menino nunca chegara a ter nome.

Ninguém devia morrer sem nome.

Soprara para os pulmões da criança, em respirações breves, para dentro e para fora, ao mesmo tempo que dava aos pés a favor da corrente, cega debaixo de água. E apenas a sorte a fez ir de encontro a um dos pilares de pedra, oferecendo-lhe abrigo.

No entanto, agora que os barcos tinham partido, não podia esperar mais.

O sangue jorrava. Tinha a sensação de que só o frio a mantinha viva. Mas esse mesmo frio ia roubando a vida à frágil criança.

Nadou para terra, freneticamente, descoordenada pela fraqueza e pelo torpor. Afundou-se, arrastando consigo o bebé.

Não.

Lutou por vir à superfície, mas a água parecia subitamente mais densa, mais difícil de romper.

Recusava-se a sucumbir.

E de repente, sob as suas botas, sentiu a presença de rochas escorregadias. Deu um grito, esquecida de que ainda estava debaixo de água, e engasgou-se com a golada de rio que teve de tragar. Afundou-se um pouco mais, mas esperneou uma última vez contra as rochas lamacentas. Conseguiu emergir e respirar, deixando-se flutuar até chegar a terra.

A margem fazia um declive abrupto.

Amarinhou de gatas para fora de água, segurando a criança firmemente contra o pescoço. Chegada a terra firme, deixou-se cair de boco na margem rochosa. Não tinha forças para dar nem mais um passo. O seu sangue jorrava sobre o bebé. Num derradeiro esforço, concentrou a atenção nele.

Não se mexia. Nem respirava.

Ela fechou os olhos e rezou, ao mesmo tempo que ia mergulhando na escuridão eterna.

«Chora, raios, chora...»

O padre Varick foi o primeiro a ouvir os vagidos.

Ele e os seus confrades estavam abrigados na adega situada na cave da Igreja de São Pedro e São Paulo. Tinham fugido para aí logo no início do bombardeamento a Breslau na noite anterior. De joelhos, rezaram para que a ilha fosse poupada. A igreja, construída no século xv, tinha sobrevivido às constantes mudanças de governadores da cidade fronteiriça. Os monges suplicaram por ajuda divina para mais uma vez sobreviverem.

Foi no silêncio desta pia atitude que o eco dos gemidos queixosos lhes chegou.

O padre Varick pôs-se de pé, coisa que muito custou às suas idosas pernas.

— Onde vais? — perguntou Franz.

— Estou a ouvir o meu rebanho a chamar por mim — respondeu.

Nas duas últimas décadas, ele tinha alimentado com restos os gatos ribeirinhos e um ou outro cão vadio que por ali passasse.

— Não é altura para isso — aconselhou outro irmão, numa voz em que só transparecia o medo.

Mas o padre Varick já vivera demasiado tempo para recear a morte com tão juvenil fervor. Atravessou a adega e curvou-se para transpor o curto corredor que levava à porta virada para o rio. Era por essa entrada que o carvão costumava ser carregado e depois armazenado onde se aninhavam agora garrafas de vidro verde no meio do pó e dos cascos de carvalho.

Chegou à velha porta do carvão, levantou a tranca e soltou o trinco.

Empurrando com o ombro, fez a porta ranger e abrir.

A primeira coisa que o impressionou foi o cheiro intenso a queimado... e depois o vagido desviou-lhe o olhar para baixo.

— *Mein Gott im Himmel...*

Estava uma mulher caída a poucos passos da porta, nos contrafortes que continham o canal junto à igreja. Não se mexia. Correu para junto dela, voltando a cair de joelhos com uma nova oração nos lábios.

Apalpou-lhe o pescoço à procura de sinais de vida, mas apenas encontrou sangue e ruína. Estava ensopada da cabeça aos pés e fria como as pedras.

Morta.

E de novo o choro... vindo do outro lado.

Mudando de posição, encontrou o bebé meio soterrado debaixo da mulher, também ensanguentado.

Apesar de estar azul por causa do frio e igualmente molhado, ainda vivia. Ele libertou o bebé do cadáver. As faixas que o envolviam, pesadas de água, desprenderam-se e caíram.

Era um menino.

Correu rapidamente as mãos pelo minúsculo corpo da criança e percebeu que o sangue não era dela.

Apenas o sangue da mãe.

Olhou tristemente para a mulher no chão. Tanta morte. Observou a margem oposta do rio. A cidade estava a arder, com rolos de fumo a ascenderem no céu matinal. O tiroteio continuava. Teria ela atravessado o canal a nado? Tudo para salvar o filho?

— Descansa em paz — sussurrou ele para a mulher. — Bem mereces.

Regressou à porta do carvão. Limpou a água e o sangue da criança. O cabelo era macio e fino, mas indubitavelmente branco como a neve. Não teria mais de um mês de idade.

Os cuidados do padre Varick apenas fizeram com que o bebé redobrasse o choro, de rosto crispado com o esforço, mas sempre muito débil, frouxo de movimentos e frio.

— Chora, meu pequenino.

Reagindo à voz, o menino abriu os olhos inchados. Uns olhos azuis saudaram o padre Varick. Brilhantes e puros. Mas, na verdade, a maioria dos recém-nascidos tem olhos azuis. Apesar disso, Varick teve a sensação de que aqueles olhos conservariam para sempre o espantoso azul-celeste.

Apertou mais o menino contra si, para lhe dar calor. Uma mancha de cor chamou-lhe a atenção. «*Was is das?*» Virou o pé da criança. Alguém tinha desenhado um símbolo no calcanhar.

Não, não era um desenho. Esfregou, para ter a certeza.

Era uma tatuagem com tinta carmim.

Examinou-a. Parecia uma pegada de corvo.



Porém, o padre Varick tinha passado grande parte da juventude na Finlândia e reconheceu no símbolo a sua verdadeira natureza: uma das runas nórdicas. Não sabia qual nem o seu significado. Abanou a cabeça. Quem teria feito semelhante disparate?

Lançou uma olhadela à mãe, de sobrolho franzido.

Não tinha importância. Não competia ao filho carregar os pecados do pai.

Limpou da moleirinha o último vestígio de sangue e envolveu a criança na sua túnica quente.

— Pobre *Junge*... que dura vinda ao mundo, a tua.